

EM BUSCA DE UM *ETHOS* SICILIANO

Fabiano Dalla BONA*
Roberta BARNI**

- **RESUMO:** Servindo-se do conceito de *ethos* de Mainguenau, o presente artigo procura delinear, mediante a análise do discurso literário de alguns escritores sicilianos, a seguir aceito, reiterado e retransmitido pelos próprios habitantes da ilha, os diversos *ethé* ligados à ilha mediterrânea, partindo da clareza de que uma ‘identidade’ e um ‘caráter’ típicos nada mais são do que um discurso, ou melhor, discursos, em que tais características, conforme a época e o autor, vieram a ter denominações diferentes.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Discurso literário e identidade. Identidade siciliana. *Sicilianismo*. *Sicilitudine*. *Sicilianitudine*.

A difícil definição de uma identidade siciliana

Se definir o conceito de identidade é, por si só, uma difícil tarefa, definir uma identidade siciliana é ainda mais complicado. Entre os próprios sicilianos as perspectivas sobre a Sicília são múltiplas e variadas; todavia as tradicionais representações da ilha, criadas e transmitidas pelos viajantes do *Grand Tour*, ainda persistem no imaginário. O caso da Sicília é apenas um dentre muitos outros de implicação consensual da história e da imagem em seus processos identitários.

A Sicília é a maior ilha do Mediterrâneo e um vasto tabuleiro de lendas e de lugares comuns. Sua posição estratégica fez dela, ao longo dos séculos, cobiçado alvo de conquista. Descrita por Fernand Braudel (2010, p. 157) como “um continente em miniatura”, a ilha tem todas as qualidades necessárias para ser um terreno propício à reivindicação de especificidades na construção de uma identidade.

Luigi Pirandello (1867-1936) afirmava que os sicilianos sofriam de uma solidão cruel, numa sociedade que funcionava conforme regras bem peculiares. Ele descreve o caráter dos sicilianos em um discurso que pronunciou em 1920, por

* UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras – Departamento de Letras Neolatinas. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 21941-917 – fdbona@gmail.com

** USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Modernas. São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – rbarni@usp.br

ocasião do octogésimo aniversário de Giovanni Verga (1840-1922), reproduzido mais tarde por Sciascia (2004, p. 863):

Tutti i siciliani in fondo sono tristi, perché hanno quasi tutti un senso tragico della vita e anche quasi una istintiva paura di essa oltre quel breve ambito del covo, ove si senton sicuri e si tengono appartati. Avvertono con diffidenza il contrasto tra il loro animo chiuso e la natura intorno, aperta, chiara di sole, e più si chiudono in sé, perché di quest'aperto, che da ogni parte è il mare che li isola, cioè li taglia fuori e li fa soli, diffidano, e ognuno è e si fa isola a sé, e da sé si gode, ma appena, se l'ha, la sua poca gioia, da sé, taciturno e senza cercar confronti, si soffre il suo dolore spesso disperato.¹

Sciascia (2004) acrescenta que os sicilianos não desconfiam do mar e da sua natureza isolante, mas sim daquele mar que consentiu que a ilha fosse invadida e conquistada repetidas vezes no curso dos séculos. A insegurança é a componente primária da sua história: o medo, em sua concepção histórica tornou-se existencial, tendendo a desaguar numa forte tendência ao isolamento voluntário e à solidão. Por outro lado, a própria insularidade é vivida pelos sicilianos como um privilégio: é exatamente dessa convicção que nascem a alienação e aquela “loucura” em sentido pirandelliano, e é assim que eles amadurecem antigos comportamentos de presunção e de arrogância. Sciascia (2004, p. 604) afirma que “[...] é na história que se deve procurar a explicação das peculiaridades sicilianas.” Daqui emerge o primeiro importante conceito ideológico: o de *sicilianismo*.

Sicilianismo e ideologia sicilianista

Embora a história nunca lhe tenha permitido tornar-se realidade, o mito da nação siciliana tem origens antigas e atravessou muitos séculos. O Movimento da Independência Siciliano (MIS), ativo em 1943 e refundado em 2004, confirma sua persistência. Ao longo dos séculos, uma *ideologia sicilianista* cujo principal objetivo era o de afirmar a primazia da Sicília no pensamento e na civilização, foi impulsionado pela classe dominante e pelos estudiosos da sociedade insular. O século XIX, marcado por divergências entre a Sicília e Nápoles – capital do Reino das Duas Sicílias, deu nova direção e nova força à *ideologia sicilianista* colocando-o

¹ “No fundo todos os sicilianos são tristes porque possuem, quase todos, um sentido trágico da vida e também quase um medo instintivo dela, além daquele breve âmbito da toca onde se sentem seguros e se mantêm apartados. Percebem com desconfiança o contraste entre a sua alma fechada e a natureza ao redor, aberta, iluminada pelo sol, e fecham-se ainda mais em si porque desconfiam deste aberto, que por todos os lados é o mar que os isola, isto é, os deixa de fora e os torna solitários, desconfiam, e cada um é, e se torna ilha apartada, e consigo próprio desfruta, mal e mal – se a tiver – a sua pouca alegria, sozinho, taciturno e sem procurar cotejos, sofre sozinho a própria dor, não raro desesperada.” (SCIASCIA, 2004, p. 863, tradução nossa).

a serviço de uma reivindicação independentista. Os *sicilianistas* defendiam principalmente a ideia de que a falta de capacidade de emancipação da ilha devia ser procurada fora dela: a responsabilidade pelo subdesenvolvimento recaía sobre os opressores dos sicilianos – napolitanos, setentrionais ou estrangeiros – julgados culpados de terem deserdado e ultrajado a ilha ao longo da história (MARINO, 1988, p. 166).

A **ideologia sicilianista** do século XIX teve profunda implicação na construção identitária da ilha, pois forneceu o material histórico e antropológico necessário à sua edificação. Essa abundante contribuição permitiu à Sicília provar a sua singularidade e seu poder, além de reivindicar um estatuto diferente, independente e autônomo daquele imposto pelas nações às quais, historicamente, pertenceu, em nome de um direito à diferença fundado na autenticidade irreduzível de sua cultura e de suas tradições.

A Unificação italiana de 1860 forçou a **ideologia sicilianista** a modificar os seus parâmetros e a se adaptar às mudanças de autoridade nas novas relações de força, agora impostas por um centro de poder muito distante: o Piemonte, com capital em Turim. Ao modificar as relações de poder, o evento unificador impeliu a Sicília a se reposicionar no panorama cultural, político e econômico da nova nação. As primeiras pesquisas e enquetes publicadas após 1860 condenaram a ilha a uma inquietante alteridade e marcaram profundamente na consciência dos italianos a imagem de um Sul retrógrado, delinquente e bárbaro, congelado na tradição, na qual recorrem estereótipos dos quais, em seguida, as mídias, os manuais escolares e a própria literatura se apropriaram e disseminaram.

Os sicilianos sentiram desde aquele momento a urgência de defender a ilha e de provar que ela era dotada de uma história e de uma cultura de antigas raízes e de prestígio, além de possuir traços de caráter atípicos, que mereciam ser valorizados.

O desejo de demonstrar a especificidade da comunidade insular no tempo e no transcender dos eventos dos quais ela fora vítima permitiram, também, a legitimação da vontade expressa dos sicilianos de mudar o lugar que ocupavam nas relações de poder pós-Unificação. A necessidade de definir essa identidade siciliana acabou por criar um léxico de caráter identitário, como testemunham os vocábulos *sicilianismo*, *sicilitudine* e *sicilianità*. Esses neologismos são partícipes do processo de identidade, pois tiveram por missão representar as especificidades sicilianas, expressando suas diferenças ante as culturas do continente e, por vezes, unificando seus membros em torno de um projeto político nacionalista e/ou de autonomia. Todavia é prudente não confundir **ideologia sicilianista** com *sicilianismo*.

De acordo com o dicionário de Tullio De Mauro (1999, p. 588), o termo *sicilianismo* tem o primeiro uso registrado em 1864, logo depois da unificação da península, portanto. Ali, está definido como: “O movimento político e atitude intelectual que reivindica autonomia cultural e política da Sicília frente ao resto da Itália.” Outros dicionários italianos consagrados afirmam ser o *sicilianismo* tão

somente um fenômeno linguístico que indica a entrada de uma palavra ou frase do dialeto siciliano em outro dialeto ou na língua italiana, ou de um vocábulo ou locução típicos do dialeto siciliano.

O *sicilianismo* é um subproduto da *ideologia sicilianista* elaborado pelas classes dominantes locais logo após a unificação. Depois dela, a crise do mito da “nação siciliana” relegou esse novo termo a um papel meramente apologético: ele vinculava a crença de que a ilha jamais poderia se emancipar por culpa do Norte da Itália, e pretendia defender a honra dos sicilianos ultrajados e explorados pelos novos concidadãos, além de denunciar os erros e a violência infligidos pelo novo Estado. Os pensadores do *sicilianismo* contestaram, por exemplo, a luta contra o *brigantaggio* e recusaram os primeiros resultados dos inquéritos parlamentares sobre a Sicília, como aquela de Leopoldo Franchetti (1847-1917) e Sidney Sonnino (1847-1922), que a julgaram atrasada (FRANCHETTI; SONNINO, 1925).

Não obstante a ideologia defendida pelo *sicilianismo* pós-unitário ter sido contestada por inúmeros intelectuais, ela teve um papel importante na construção da identidade siciliana, pois, de um lado, dotou a ilha de uma história e de uma cultura voltadas, por natureza, a suscitar um sentimento identitário, e por outro, continuou a influenciar as teses dos sulistas e o discurso de construção identitária no século XX.

A construção identitária exigiu uma reescritura da história da Sicília. Autores como Michele Amari (1806-1889) revisitaram períodos culturalmente eminentes da ilha, como a ocupação árabe e o período árabe-normando, que fizeram dela um local de convivência pacífica entre culturas tão diferentes. Em 1843, Amari publicou uma nova edição de sua obra *La guerra del vespro siciliano*, sobre as chamadas Vésperas Sicilianas de 1282, fato histórico transformado em mito e interpretado como a primeira manifestação de identidade daquele povo. A obra foi publicada em Paris, um ano após o exílio do autor, causado pela polêmica das ideias autonomistas e revolucionárias que seu estudo defendia.

No plano antropológico, os trabalhos dos demopsicólogos e antropólogos sicilianos Salvatore Salomone Marino (1847-1916), Serafino Amabile Guastella (1819-1899) e Giuseppe Pitre (1841-1916)² dotaram a Sicília de um vasto repertório de tradições, usos e costumes, provérbios, cantos populares e lendas. Vários estudos linguísticos foram também realizados, como nas obras de Innocenzio Fulci (1789-1856), Corrado Avolio (1843-1905) e Antonino Traina (1819-1897)³.

A análise do *sicilianismo* desenvolveu-se principalmente nos escritos de Leonardo Sciascia, que criticou um certo *sicilianismo* tendente à exaltação, em oposição à tese de Giovanni Gentile (1875-1944) de “uma Sicília sequestrada”⁴,

² Cf. Salomone-Marino (1870), Guastella (1882) e Pitre (1872).

³ Cf. Fulci (1855), Avolio (1882) e Traina (1868).

⁴ “*L'isola era stata sempre sequestrata, a causa del mare e della scarsezza dei commerci, da ogni*

isto é, extirpada do movimento da cultura europeia. Sciascia prefere falar de “uma insularidade de alma dos sicilianos”, retomando as palavras de Lampedusa (2011 p. 181)⁵, ou, ainda, de *sicilitudine* como consequência da sucessão de dominações, causa de um certo medo em relação ao estrangeiro que, com o tempo, se tornou existencial; uma insularidade cujos efeitos negativos são revertidos em positivos:

*L'insicurezza è la componente primaria della storia siciliana; e condiziona il comportamento, il modo di essere, la visione della vita – paura, apprensione, diffidenza, chiuse passioni, incapacità di stabilire rapporti al di fuori degli affetti, violenza, pessimismo, idealismo – della collettività e dei singoli. [...] E a un certo punto l'insicurezza, la paura, si rovesciano nell'illusione che una siffatta insularità, con tutti i condizionamenti, le remore e le regole che ne discendono, costituisca privilegio e forza là dove negli effetti, nella esperienza, è condizione di vulnerabilità e debolezza. E ne sorge una specie di alienazione, di follia, che sul piano della psicologia e del costume produce atteggiamenti di presunzione, di fierezza, di arroganza.*⁶ (SCIASCIA, 2004, p. 963-964).

Desafiado por seu passado, por seu sentido político e suas origens aristocráticas, o termo *sicilianismo* representa mais uma corrente identitária do que uma verdadeira definição de identidade. No entanto, o campo semântico do termo “identidade” foi enriquecido com novas palavras dispostas a cobrir essa função: os termos *sicilianità* e *sicilitudine* expressam uma condição mais adequada, mais coerente com a mentalidade do siciliano, e foram beneficiados com o apoio dos maiores nomes da literatura local. Essas duas palavras destacam o envolvimento de literatura siciliana em seu processo identitário.

A literatura a serviço da identidade siciliana: *sicilianità* e *sicilitudine*

A literatura siciliana desempenhou um papel importante na fundação da identidade local e na reabilitação de sua cultura; além de contribuir significativamente

relazione col resto del mondo.” [A ilha sempre fora sequestrada, por causa do mar e da escassez de comércios, de qualquer relação com o resto do mundo.] (GENTILE, 1963, p. 5, tradução nossa).

⁵ “*una terrificante insularità di animo*” [uma espantosa insularidade de alma], diz literalmente Lampedusa (2011 p. 181, tradução nossa).

⁶ “A insegurança é a componente primária da história siciliana; e condiciona o comportamento, o modo de ser, a visão da vida – medo, apreensão, desconfiança, paixões fechadas, incapacidade de estabelecer relações para além dos afetos, violência, pessimismo, idealismo – da coletividade e dos indivíduos. [...] e a certa altura a insegurança, o medo, se revertem na ilusão que tal insularidade, com todos os condicionamentos, as hesitações e regras que dela derivam, constituem o privilégio e a força quando nos efeitos e nas experiências é condição de vulnerabilidade e fraqueza. E disto surge uma espécie de alienação, de loucura, que no plano da psicologia e dos costumes produz posturas de presunção, de orgulho, de arrogância.” (SCIASCIA, 2004, p. 963-964, tradução nossa).

para o prestígio da literatura italiana, ela também colaborou ativamente na criação de uma memória coletiva, além de influenciar consideravelmente na identificação daquelas características consideradas tipicamente sicilianas.

A participação da literatura na reinvenção dos elementos que compõem a memória coletiva da Sicília e habilita seus indivíduos a formar uma rica representação do próprio patrimônio é evidente. No entanto, nota-se que a identidade siciliana é, não raro, construída em histórias de ficção, alimentada por mitos e estereótipos literários. Basta lembrar a Sicília de Giovanni Verga (1840-1922) como ilha-refúgio, cujo isolamento permitiu a manutenção de caracteres primitivos da própria sociedade; ou a de Elio Vittorini (1909-1966) como um arquétipo absoluto e purificado que contém a verdade do mundo; também há aquela Sicília atemporal de Gesualdo Bufalino (1920-1996) e Giuseppe Bonaviri (1924-2009), ou ainda aquela de homicídios e máfia, de Leonardo Sciascia (1921-1989) e Andrea Camilleri (1925-). Essa impregnação foi tão forte que especialistas em literatura italiana, como Francesco De Sanctis (1817-1883), deduziram que a identidade siciliana foi elaborada por sua própria literatura. Segundo esse historiador da literatura, foi graças ao cruzamento das culturas árabe e normanda que a ilha viveu seu apogeu cultural, e seu vulgar cantado e escrito, que ainda não era o dialeto siciliano nem a língua italiana, foi um elemento que marcou a imaginação e despertou uma vida moral e intelectual. “A Sicília tornou-se o centro da cultura italiana.” (DE SANCTIS, 1870, p. 6).

A abundância de obras literárias escritas sobre a ilha, após 1860, revela a atenção que os autores deram às temáticas relativas a ela. A Sicília é um *leitmotiv* constante na produção literária local, uma verdadeira obsessão através da qual os autores questionam, sem solução de continuidade, a própria condição de sicilianos. Malatesta (2000, p. 16) interpretou essas tematizações obsessivas como a causa de uma identidade dúbia: “Os escritores sicilianos falam constantemente da própria terra porque não sabem exatamente quem são.”

Sicilianità

Nec tecum nec sine te vivere possum. A citação de Ovídio (*Amores*, 3, 11, 39), depois retomada no famoso epigrama de Marcial (XII, 46), aparece no ensaio de Sciascia de 1989:

Sicché alla domanda: “come si può essere siciliano?” un siciliano può rispondere: “con difficoltà”. Questa difficoltà il siciliano Giuseppe Antonio Borgese ha condensato nel “nec tecum nec sine te vivere possum” dell’antico poeta... Scrittori come lo stesso Borgese e quelli che abbiamo nominato e altri che sono da ricordare e da leggere, l’hanno dispiegata nella loro opera; e poeti e anche pittori. E sono scrittori ed artisti che attraverso la particolarità e le

*particolarità della Sicilia hanno raggiunto l'universalità. E anche noi siamo qui, a viverla, questa dolorosa e gioiosa difficoltà: "né con te né senza di te posso vivere".*⁷ (SCIASCIA, 1989, p. 13).

Francesco Merlo define da seguinte forma a *sicilianità*:

*La sicilianità ne tiene in vita un'altra [Sicilia] dove nessuno ha mai messo piede: Sicilia è una voce, alla lettera S, dopo Shangri-la e prima di Spoon River; di quel Dizionario dei luoghi immaginari la cui consultazione scriveva Italo Calvino "è indispensabile". La Sicilia dunque non più come metafora ma come expediente, la proiezione di un disagio arcaico e di uma retórica da esule che ha transformado una grande cultura in pregiudizio, l'intelligenza in furbizia, la letteratura in retórica. E bisognerebbe davvero che qualcuno, nel 2013 che arriva, avesse la forza di organizzare una revolução cultural, una sorta di guerra di liberazione contro l'imperante, dilagante, obsessivo cretinismo sicilianista.*⁸ (MERLO, 2012).

Essa necessidade de identificação incentivou (e ainda incentiva) os escritores a tornarem-se os intérpretes da *sicilianità* e a inventarem um novo vocábulo capaz de definir a personalidade do siciliano. Falamos da criação de um *ethos* no sentido da análise do discurso de linha francesa, conforme a definição que oferece Maingueneau.

De Mauro (1999, p. 587) atribui à *sicilianità* as seguintes acepções: “ser siciliano”, “[...] particularidade daquilo que é verdadeiramente siciliano ou que é atribuído aos sicilianos na língua, na cultura, nos costumes e na civilização.”

Vocábulo solar, *sicilianità* pode ser considerado um termo identitário, pois supõe que cada siciliano carregue consigo um mundo hermético de valores com o qual ele acredita se identificar. A *sicilianità* implica a consciência e o orgulho de

⁷ “De modo que à pergunta: ‘como se pode ser siciliano?’ um siciliano pode responder: ‘com dificuldade’. Tal dificuldade do siciliano Giuseppe Antonio Borgese condensou no ‘*nec tecum nec sine te vivere possum*’ do antigo poeta... Escritores como o próprio Borgese e aqueles que citamos e aqueles que devemos lembrar e ler, a destrincharam em suas obras; e poetas e também pintores. E são os escritores e os artistas que através dos detalhes e dos detalhes da Sicília atingiram a universalidade. E nós também estamos aqui, a vivê-la, essa dolorosa e alegre dificuldade: ‘nem contigo nem sem ti posso viver’.” (SCIASCIA, 1989, p. 13, tradução nossa).

⁸ “A *sicilianità* alimenta outra Sicília, onde jamais ninguém pisou: Sicília é um verbete, na letra S, depois de Shangrilá e antes de Spoon River, naquele Dicionário de lugares imaginários cuja consulta, escrevia Italo Calvino, ‘é indispensável’. Portanto, a Sicília não mais como metáfora, mas como expediente, a projeção de um desconforto arcaico e de uma retórica de exílio que transformou uma grande cultura em preconceito, a inteligência em esperteza, a literatura em retórica. E realmente seria preciso que alguém, no ano de 2013 que está chegando, tivesse a força de organizar uma revolução cultural, uma espécie de guerra de liberação contra o imperante, difuso, obsessivo cretinismo *sicilianista*.” (MERLO, 2012, tradução nossa).

sentir-se diferente. Ela reivindica a própria especificidade em contraste com aquela italiana. Os escritores sicilianos legaram à literatura italiana muitos testemunhos, fortes e densos dessa *sicilianità*.

A produção de obras dedicadas à Sicília é repleta de imagens e paisagens, de tradições, provérbios e lendas. As obras de Giovanni Verga (1840-1922), Federico De Roberto (1861-1927), Luigi Capuana (1839-1915), Vitaliano Brancati (1907-1954), Leonardo Sciascia (1921-1989), Gesualdo Bufalino (1920-1996), Vincenzo Consolo (1933-2012), Andrea Camilleri (1925-) e tantos outros, jamais cessaram de contar a Sicília e se inscrevem em uma dinâmica literária regionalista que foi garantia do sucesso dessas obras para além das fronteiras da ilha e da própria Itália.

Além de suas produções literárias, esses autores optaram por continuar as suas reflexões sobre a *sicilianità* e por fornecer um *corpus* de imagens e de representações através de seus livros, de caracteres folclóricos e antropológicos, de obras de caráter linguístico, glossários ou ainda por meio de entrevistas à imprensa.

Se os escritores sicilianos e os dicionários de língua italiana deram a possibilidade à *sicilianità* de definir e especificar aquela população, certos eruditos a contestaram. Borgese (2005, p. 24) indica que, para o escritor palermitano Michele Perriera, a *sicilianità* não tem sentido, a não ser que seja utilizada no plural. Considerando a Sicília a maior ilha mediterrânea, e também a mais populosa, e admitindo ainda a existência de diversidades linguísticas, culturais e econômicas em seu seio, os sicilianos poderiam partilhar, assim, uma identidade exclusiva, e/ou uniforme em todos os pontos? Bufalino procurou responder a essa pergunta intitulado sua antologia de *Le Cento Sicilie*.

Para Leonardo Sciascia, a *sicilianità* oferece uma definição do siciliano que lhe parece incompleta. A particularidade da condição humana e histórica daquela gente necessitaria de outra definição, e o termo que ele escolhe para representá-la é *sicilitude*.

Sicilitudine

Enquanto *sicilianità* determina o siciliano como um ser, *sicilitudine* é uma manifestação da personalidade daquele ser. A palavra é encontrada na maioria dos dicionários de língua italiana, sendo definida como “[...] conjunto dos costumes e dos comportamentos tradicionalmente atribuídos aos sicilianos.” (DE MAURO, 1999, p. 588).

Interrogando-se sobre a própria condição, os escritores sicilianos inventaram expressões intensas para tentar definir a identidade. Gesualdo Bufalino (1998, p. 10) descreve a condição da ilha como um “luxo difícil”; Pirandello (apud SCIASCIA, 1986, p. 216) afirma que os sicilianos são acometidos por uma “taciturnidade desesperadora”; e Sciascia (1989, p. 12) observa que é um lugar “difícil de compreender”.

O conceito de *sicilitudine*⁹, foi cunhado em 1959 pelo escritor, poeta e pintor futurista Crescenzo Cane (1930-2012), que conferiu ao termo uma acepção polemicamente marxista, apontando nele a chave para a compreensão profunda do fazer literário dos sicilianos. Vejamos os traços que o escritor considera pertinentes ao termo:

*Una grande cautela negli affari privati e l'estrema temerarietà in quelli pubblici; l'insicurezza come "componente primaria della storia siciliana" per le continue invasioni dal mare, radice di "paura, apprensione, diffidenza, chiuse passioni, incapacità di stabilire rapporti al di fuori degli affetti, violenza, pessimismo, fatalismo"; una specie di follia che taleinsicurezza e vulnerabilità traduce in un singolare complesso di superiorità; una vocazione al separatismo e all'indipendenza che, dando vita nei secoli a privilegi e franchigie, ha generato quella "coscienza giuridica astratta e involuta" che è alla base delle "facoltà causidiche e sofistiche" che già Cicerone attribuiva ai siciliani.*¹⁰ (ONOFRI, 2004, p. 70).

Por outro lado, a insegurança da ilha, sua vulnerabilidade, sua tendência ao separatismo e sua secular disponibilidade à ilusão de independência levaram as potências dominantes à concessão de privilégios aptos a dar a ilusão de independência a todos os sicilianos, bem como garantias concretas e benefícios à antiga classe aristocrática, que poderíamos chamar hoje de burguesia. Privilégios dos quais, como afirma Sciascia (2007. p.13), o povo jamais desfrutou, apesar de a cultura siciliana “ter se movido, e ainda se mover, a sua volta”.

Já Frétygné (1998, p. 866) resume as características da *sicilitudine* como

L'ensemble de données psychologiques et existentielles comme le souci de l'oisiveté, l'art de la sieste, l'obsession de la femme et de la virilité, le mépris du commerce, l'indifférence vis-à-vis du Christianisme, un rapport ambigu avec une nature à la fois belle et cruelle..., qui perdurent à travers les siècles, offrent

⁹ “La *sicilitudine* è una condizione dello spirito che scaturisce dalla paura e dalla solitudine che ti assale vivendo in Sicilia.” [A *sicilitudine* é um estado de espírito que se origina no medo e na solidão que te assalta, vivendo na Sicília.] (ZINNA, 1998, p. 137, tradução nossa).

¹⁰ “Uma grande cautela nos negócios privados e um extremo atrevimento naqueles públicos; a insegurança como ‘componente primária da história siciliana’ pelas contínuas invasões pelo mar, raiz de ‘medo, apreensão, desconfiança, paixões fechadas, incapacidade de estabelecer relações além dos afetos, violência, pessimismo, fatalismo’; uma espécie de loucura que essa insegurança e vulnerabilidade traduzem em um peculiar complexo de superioridade; uma vocação ao separatismo e à independência que, dando vida nos séculos a privilégios e franquias, gerou aquela ‘consciência jurídica abstrata e tortuosa’ que é a base das ‘faculdades solicitadoras e sofisticas’ que Cícero já atribuía aos sicilianos.” (ONOFRI, 2004, p. 70, tradução nossa).

*la possibilité de cette correspondance magique entre la Sicile actuelle et la Sicile éternelle.*¹¹

O historiador Correnti (2015) pondera os termos *sicilitudine* e *sicilianità* e, ao criticá-los por serem redutivos, afirma:

*Quanto al concetto di sicilitudine (o di sicilianitudine, o di isolitudine, come qualcuno ha fatto), esso è una particolare interpretazione del sicilianismo, ed è pedissequamente esemplata sulla parola francese négritude, che indica il complesso dei valori etnici e culturali propri delle popolazioni africane, come esaltazione della loro specifica nazionalità; ed è un termine che è stato coniato nel 1961 dal letterato palermitano Crescenzo Cane; ed è stato poi adoperato da critici come Natale Tedesco e da scrittori come Leonardo Sciascia: ma sono in molti gli studiosi siciliani, tra cui il sottoscritto, a rifiutare decisamente che il concetto di sicilitudine possa applicarsi alla Sicilia, perché esso si riduce ad una sorta di isolazionismo spirituale, fatto soprattutto di recriminazioni e di piagnistei, per cui la Sicilia si collocherebbe al di fuori del tempo e della storia, rimanendo un'entità a sé, e addirittura costituendo un mondo a parte: il che è concezione antistorica, come vedremo, e assolutamente arbitraria, che non ha alcun riscontro nella realtà degli accadimenti riguardanti la Sicilia, perché, come io ho documentato dal 1953 in tutte le mie pubblicazioni storiche, che oggi hanno raggiunto il non piccolo numero di novanta, per un totale di oltre ventimila pagine, la Sicilia ha sempre avuto una vocazione europea nella sua cultura.*¹²

¹¹ “O conjunto de dados psicológicos e existenciais como a preocupação de ociosidade, a arte da sesta, a obsessão pela mulher e pela virilidade, o desprezo pelo comércio, a indiferença face-a-face ao Cristianismo, uma relação ambígua com a natureza ao mesmo tempo bela e cruel... que perduram através dos séculos, oferecem a possibilidade dessa correspondência mágica entre a Sicília atual e a Sicília eterna.” (FRÉTIGNÉ, 1998, p. 866, tradução nossa).

¹² “Quanto ao conceito de *sicilitudine* (ou *sicilianitudine*, ou de *isolitudine* [*ilheitude*], como alguns fizeram), é uma interpretação peculiar do sicilianismo, e é servilmente calcada na palavra francesa *négritude*, que indica o conjunto dos valores étnicos e culturais próprios das populações africanas, como exaltação de sua específica nacionalidade. É um termo que foi cunhado em 1961 pelo literato palermitano Crescenzo Cane; e depois foi adotado por críticos como Natale Tedesco e por escritores como Leonardo Sciascia: mas são muitos os estudiosos sicilianos, dentre os quais me incluo, a recusar decididamente que o conceito de *sicilitudine* possa aplicar-se à Sicília, pois ele se reduz a uma espécie de isolacionismo espiritual, feito principalmente de recriminações e de queixas, pelos quais a Sicília se colocaria fora do tempo e da história, permanecendo uma entidade em si, e até mesmo constituindo um mundo à parte. Trata-se de uma concepção anti-histórica, como veremos, absolutamente arbitrária, que não tem o menor reflexo na realidade dos acontecimentos que concernem à Sicília, porque, como documentei desde 1953 em todas as minhas publicações históricas – que hoje atingiram o número nada insignificante de noventa, em um total de mais de vinte mil páginas –, a Sicília sempre teve uma vocação europeia em sua cultura.” (CORRENTI, 2015, tradução nossa).

A *sicilitudine* evoca a solidude e o hermetismo do siciliano. Na opinião de Frétygné (1998, p. 867), a *sicilitudine* de Sciascia “[...] *échappe à l’histoire qui a simplement la fonction d’illustrer la sicilidade.*”¹³ Vito Di Bella, siciliano residente em Florença, propõe ainda o termo *sicilianitudine* como variante de *sicilitudine*, embora tais vocábulos, nota, não se encontrem nos dicionários. Tais palavras denotariam uma postura defensiva, em termos étnicos e antropológicos, mais emocional do que racional, em relação ao mundo externo:

[...] *la negritudine, con la difesa dei valori culturali, tribali, religiosi e sociali da preservare contro l’invasenza dei bianchi; la sicilianitudine, con il contrasto della subdola caratterizzazione di mafiosità, di parassitismo sociale, di incapacità a reggere i tempi moderni, rivolta dall’esterno ai siciliani. [...] Il nuovo termine coniato non può intendersi semplicisticamente come l’essere ed il sentirsi siciliano per legami di sangue, per luogo di nascita, per dialetto parlato, per appartenenza al vissuto storico della Sicilia o per vincolo amministrativo. Questi sono elementi propri della sicilianità, parallela all’italianità. Sicilianitudine è la coscienza di appartenere ad un modello culturale proprio, ad un’indole come temperamento prevalente, ad un proprio costume di vita praticato perché ritenuto valido, a fattori comportamentali sentiti e diffusi presso larghi strati della gente isolana, radicati nella coscienza dei figli fin dall’infanzia.*¹⁴ (DI BELLA, 2005, p. 4).

Correnti (2015) propõe ainda outro adjetivo para a identificação dos sicilianos, a *siciliania*, que, depois de elencar os diversos termos que identificaríamos o sentimento que liga o siciliano à terra natal – entre os quais aparece inclusive o conceito de “isolitudine” – o autor assim define

La mia “siciliania” consiste quindi nel mettere la cultura storica siciliana a contatto con la cultura storica del mondo civile, dimostrando documentatamente

¹³ “[...] escapa à história cuja função é simplesmente ilustrar a *sicilidade*.” (FRÉTYGNÉ, 1998, p. 867, tradução nossa).

¹⁴ “[...] a negritude, com a defesa dos valores culturais, tribais, religiosos e sociais a serem preservados contra a invasividade dos brancos; a *sicilianidade*, com o contraste da sorrateira caracterização da mafiosidade, de parasitismo social, de incapacidade de suportar os tempos modernos, que de fora dirigem aos sicilianos. [...] O novo termo cunhado não pode ser entendido simplesmente como ser e sentir-se siciliano por laços de sangue, por local de nascimento, pelo dialeto que se fala, pela pertença à vivência histórica da Sicília ou por vínculo administrativo. Estes são elementos próprios da *sicilianidade* paralela à *italianidade*. *Sicilianidade* é a consciência de pertencer a um modelo cultural próprio, a uma determinada índole como temperamento prevalecte, a um próprio hábito de vida praticado porque tido como válido, a fatores comportamentais sentidos e difundidos em grandes extratos das pessoas da ilha, radicados na consciência dos filhos desde a infância.” (DI BELLA, 2005, p. 4, tradução nossa).

*che, nell'evoluzione storica dell'Europa la Sicilia è stata un modello per gli stati europei, con l'organizzazione normanna dello Stato, con l'esempio di Libertà del Vespro; e in tempi più recenti, anticipando il femminismo, e la fondazione della Croce Rossa internazionale.*¹⁵

Interessante notar que, em todos esses conceitos, a questão do isolamento é uma constante. A identidade siciliana é uma identidade insular, mas de uma ilha sem fronteiras muito bem definidas, uma identidade de mar aberto e de terras severas, porém acolhedoras.

Expressando a especificidade do povo siciliano, *sicilianismo*, *sicilianità* e *sicilitudine* participam plenamente na construção da identidade local a partir da unificação da Itália. No entanto, a busca por essa “identidade siciliana” continua sendo questão em aberto. Desde janeiro de 2010, o *Dipartimento di Salvaguardia del Patrimonio Culturale e Ambientale* da Região da Sicília tornou-se o *Dipartimento dei Beni Culturali e dell'Identità Siciliana*. A Região ainda aprovou uma moção para o retorno do ensino do dialeto siciliano e da história da Sicília nas escolas. Essa notícia confirma que a identidade não pode ser considerada um processo finito, mas, ao contrário, deve ser entendida como algo que se adapta ininterruptamente à dinâmica dos processos históricos que atravessa.

O que podemos perceber mediante a análise de todos os termos acima enumerados, é que estamos diante da construção de vários *ethé* discursivos.

Na opinião de Maingueneau (1997, p. 50), a análise do discurso

[...] recusa a concepção que faria da discursividade um suporte de “doutrinas” ou mesmo de “visões de mundo”. O discurso bem menos do que um ponto de vista, é uma organização de restrições que regulam uma atividade específica. A enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem.

Falamos assim de *ethé* sicilianos não doutrinários, vendo o *ethos* como aquele termo que tomamos emprestado da antiga retórica e que designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer influência sobre sua audiência. Junto do *logos* e do *pathos*, faz parte da trilogia aristotélica dos meios de prova (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 220). No entanto, Maingueneau (2008) desvia a focalização do *ethos* da figura do orador, como no entendimento de

¹⁵ “Portanto, a minha ‘*sicilianità*’ consiste em colocar a cultura histórica siciliana em contato com a cultura histórica do mundo civilizado, demonstrando documentalmente que, na evolução histórica da Europa, a Sicília foi um modelo para os estados europeus, com sua organização normanda do Estado, com o exemplo de Liberdade do Vespro; e em épocas mais recentes, antecipando o feminismo e a fundação da Cruz Vermelha Internacional.” (CORRENTI, 2015, tradução nossa).

Aristóteles, para o universo do discurso, e assim o *ethos* atua naqueles processos de produção de sentido cuja finalidade é coordenar a adesão dos sujeitos ao discurso, em consonância com o tema, o tom, a coesão, ao vocabulário, etc. Desse modo, o *ethos* atua como um meio, *medium*, pelo qual os enunciadores oferecem pistas aos co-enunciadores, a partir das quais eles possam formar uma ideia do sujeito enunciadador. Maingueneau (2008, p. 17, grifo do autor) afirma ainda que “[...] para além da *persuasão* por meio de argumentos, essa noção de *ethos* permite refletir sobre o processo mais geral de *adesão* dos sujeitos a um certo discurso.”

Ao pensarmos os conceitos de *sicilianismo*, *sicilianità* e *sicilitudine* percebemos que, de fato, não são argumentos persuasivos que os configuram, mas verdadeiros processos de adesão dos sujeitos – sicilianos, no caso, – àqueles discursos originados no século XVIII, pelos próprios sicilianos e pela visão dos estrangeiros-viajantes do *Grand Tour*. Os sicilianos, e de maneira mais específica, os escritores sicilianos, passaram a incorporar tais noções em seus discursos, validando uns aos outros através dessa adesão/identificação. E vale ressaltar que, por *incorporação*, Maingueneau (2008, p. 18) entende “[...] a maneira como o intérprete – audiência ou leitor – se apropria desse *ethos*.” Daqui parece emergir espontaneamente uma pergunta: estamos falando de estereótipos?

A resposta quem nos fornece é sempre Maingueneau. Para o estudioso francês, o teatro e a literatura propuseram, outrora, estereótipos de comportamentos, e “[...] cada conjuntura histórica se caracteriza por um regime específico de *ethé*.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 18). Acrescenta ainda:

[...] a leitura de muitos dos textos que não pertencem ao nosso ambiente cultural (no tempo e no espaço) é frequentemente dificultada não pelas lacunas graves do nosso saber enciclopédico, mas porque se perdem os *ethé* que sustentavam tacitamente sua enunciação. (MAINGUENEAU, 2008, p. 18).

Muito embora na opinião do linguista se percam os *ethé* – porque “[...] de uma época a outra ou de um lugar a outro, não são as mesmas zonas de produção semiótica que propõem modelos para as maneiras de falar, as que ‘dão o tom’ [...]” (MAINGUENEAU, 2008, p. 19) –, aqui, em nossa análise, o lugar permanece o mesmo (a Sicília); mudam sim as épocas, e as zonas de produção semiótica podem variar entre obras de sicilianos escritas na própria ilha, obras de sicilianos escritas fora da ilha e obras de estrangeiros escritas sobre a Sicília. As últimas talvez sejam as que menos nos interessam aqui, pois nossa tentativa é de buscar um *ethos* siciliano no discurso de sicilianos, e não naquele dos forasteiros.

O *ethos* de uma enunciação literária não é apreendido em sua totalidade senão através da leitura do próprio texto, e o enunciador necessita, também, de uma cenografia, que segundo Maingueneau (2012, p. 87-88), não é um mero cenário no qual esse discurso se apresenta, internamente a um espaço já edificado

e independente dele, e que constitui progressiva e paradoxalmente o próprio dispositivo da fala; assim a cenografia é “[...] ao mesmo tempo fonte do discurso e aquilo que ela engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém.”

Por conseguinte, a adesão ao discurso e às ideias também é operada pela “maneira de dizer” e pela “maneira de ser”, na qual o co-enunciador é chamado a participar daquele mundo representado pela enunciação. Maingueneau (2008, p. 29) acrescenta ainda que “[...] o poder de persuasão de um discurso deve-se, em parte, ao fato de constranger o destinatário a se identificar com o movimento de um corpo, seja ele esquemático ou investido de valores historicamente especificados.”

O estudioso francês conclui que “[...] a adesão do destinatário se opera por um escoramento recíproco entre a cena da enunciação, da qual o *ethos* participa, e o conteúdo nela desdobrado.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 29).

Insularidade, maritimidade e ilheidade

A insularidade da Sicília – categoria literária, antropológica e até espiritual, ou simplesmente metáfora, como afirmava Leonardo Sciascia – de fatores mais ou menos concretos de identidade ou de isolamento, é, antes de tudo, um dado geográfico. “*Sono convinto che la Sicilia offre la rappresentazione di tanti problemi, di tante contraddizioni, non solo italiani ma anche europei, al punto di poter costruire la metafora del mondo odierno.*”¹⁶ (SCIASCIA, 1979, p. 78). Não nos surpreende, portanto, que esse fator geográfico insular tenha sido valorizado e muito enfatizado para representar, e explicar, o caráter e a fisionomia unitária e individual da Sicília, não apenas em termos históricos, mas quase fazendo referência a um elemento cognitivo primário: uma região natural, em sentido geográfico. Esse isolamento, essa insularidade, é percebida com muita sensibilidade por Bufalino e Zago (1993, p. v-vi):

Capire la Sicilia significa dunque per un siciliano capire se stesso, assolversi o condannarsi. Ma significa, insieme, definire il dissidio fondamentale che ci travaglia, l'oscillazione fra claustrofobia e claustrofilia, fra odio e amor di clausura, secondo che ci tenti l'espatrio o ci lusinghi l'intimità di una tana, la seduzione di vivere la vita come un vizio solitario. L'insularità, voglio dire, non è una segregazione solo geografica, ma se ne porta dietro altre: della provincia,

¹⁶ “Estou plenamente convencido de que a Sicília oferece a representação de inúmeros problemas e inúmeras contradições, não só italianos mas também europeus, a ponto de poder constituir-se na metáfora do mundo hodierno.” (SCIASCIA, 1979, p. 78, tradução nossa).

*della famiglia, della stanza, del proprio cuore. Da qui il nostro orgoglio, la diffidenza, il pudore; e il senso di essere diversi.*¹⁷

Uma análise do fenômeno insular, segundo Diegues (1998), requer uma abordagem multidisciplinar, pois é um tema que não diz respeito apenas à geografia ou à sociologia, mas também se liga à antropologia, à psicologia e à literatura, acrescentamos. Dentre os diversos enfoques teórico-metodológicos possíveis para se analisar as sociedades insulares, destacam-se os pontos de vista histórico e antropológico, que se baseiam em três conceitos básicos: a *ilheidade*, a *maritimidade* e a *insularidade*. Diegues (1998, p. 3), ao falar de ilheidade, demonstra que a afirmação ou reconstrução de identidade por meio da valoração do próprio estilo de vida e território

[...] parece estar associada à reação dos moradores das ilhas contra a verdadeira invasão turística que tem levado a uma perda crescente do acesso à terra, comprada pelos veranistas. Essa tomada de consciência de um modo de vida particular, diferente das populações continentais, está associada a um conjunto de representações e imagens que os ilhéus formaram a respeito de seu espaço geográfico-cultural, oriundas de sua insularidade. A esses processos, marcados pela presença de mitos, os geógrafos e antropólogos franceses dão o nome de “ilheidade” (*ileité*), distinta do conceito de insularidade que caracteriza os processos relacionados com a distância e o isolamento geográfico e social.

Já a maritimidade “[...] desempenha papel fundamental na própria representação que os ilhéus têm de si e de suas relações com a sociedade abrangente (regional ou nacional).” (DIEGUES, 1998, p. 39). E acrescenta que “[...] a maritimidade não é um conceito referente diretamente ao mundo oceânico como entidade física, é uma produção social e simbólica que nem sempre existe em todas as sociedades insulares.” (DIEGUES, 1998, p. 40).

E, finalmente, a insularidade é aquele conceito

[...] resultante de práticas econômicas e sociais decorrentes da vida num território geograficamente limitado, com fronteiras geográficas e culturais definidas e cercado pelo oceano. A pergunta básica que se deve fazer é: até que ponto a

¹⁷ “Para um siciliano, portanto, compreender a Sicília significa compreender a si mesmo, absolver-se ou condenar-se. Mas, ao mesmo tempo, significa definir o dissídio fundamental que nos atormenta, a oscilação entre claustrofobia e claustrofilia, entre ódio e amor pela clausura, conforme estejamos tentados pela emigração ou nos lisonjeie a intimidade de uma toca, a sedução de viver a vida como um vício solitário. A insularidade, quero dizer, não é uma segregação apenas geográfica, mas carrega consigo outras: da província, da família, do quarto, do próprio coração. Deriva daí nosso orgulho, a desconfiança, o pudor; e a sensação de sermos diferentes.” (BUFALINO; ZAGO, 1993, p. v-vi, tradução nossa).

insularidade contribui para a produção de uma identidade particular, a do ilhéu, diferenciada daquela do habitante do continente? (DIEGUES, 1998, p. 40-41).

Já Giovanni Gentile (1963, p. 4-5), ao discorrer sobre a cultura siciliana e seu isolamento, afirma:

*La cultura siciliana, scarsa di contenuto e di tenacia tradizione, non mancava, per altro, di un carattere suo ben determinato, e non era possibile infatti che non si stampasse un'impronta rilevata di quell'isolamento geografico e storico, onde essa rimase tutta chiusa in se medesima, come una nazione particolare, fin quasi alla vigilia del '60. Che anzi può dirsi che se nessun italiano, uscito fuori della propria regione, è stato dopo il 1860 meno regionalista del siciliano, nessuno come lui ebbe così forte e fiero spirito regionale prima di quell'epoca, e anche dopo se rimasto legato alla propria terra.*¹⁸

Embora discordemos do fato de Gentile definir a cultura siciliana como escassa de conteúdo – mas ele, como siciliano, assume aqui o papel de autoridade –, partilhamos de sua opinião sobre o espírito de forte pertença do siciliano e da sua ligação com a terra, basta pensar na figura do escritor Tomasi de Lampedusa. Em suas experiências fora da Sicília, e fora da Itália, ele se manteve vinculado à sua terra, àquela Sicília oligárquica do século XIX que tão bem descreve em seu *Gattopardo*. O forte sentimento de ligação com a terra natal impele-o a descrevê-la, e a descrever o próprio caráter de siciliano, com suas qualidades e defeitos, exaltando e criticando sua própria *sicilianità*. A busca pela milenária identidade siciliana poderia ter determinado caracterizações infinitas de lógica *sicilianista* que, na verdade, acabaram por caracterizar a interpretação historiográfica e literária do *Novecento*.

Diegues (1998, p. 53) discorre sobre o isolamento fazendo uma revisão das correntes antropológicas que estudam as populações insulares. E afirma que

Dada a importância atribuída a variáveis físicas como o isolamento e a presença do mar como obstáculo ao contato com o continente, muitos cientistas sociais tendem a rejeitar as análises baseadas em conceitos como o da insularidade por considerá-las marcadas pelo determinismo geográfico. Péron (1993), no entanto,

¹⁸ “A cultura siciliana, escassa em conteúdo e de tradição tenaz, não era destituída de uma característica própria e bem determinada, e não era possível, de fato, que não se imprimisse uma marca registrada por aquele isolamento geográfico e histórico, em que ela permaneceu encerrada em si própria, como uma nação particular, até quase às vésperas de 1860. Tanto assim que se pode afirmar que se nenhum italiano que tivesse deixado a própria região, foi, após 1860, menos regionalista do que o siciliano, por outro lado ninguém como o siciliano teve um espírito regional tão forte e orgulhoso antes daquela época, e mesmo depois dela, se tivesse permanecido ligado à própria terra.” (GENTILE, 1963, p. 4-5, tradução nossa).

afirma que o relativo isolamento não é determinante na organização social das ilhas, uma vez que muitas delas mantiveram e ainda mantêm estreitos contatos com as populações do continente.

Para o estrangeiro, por exemplo, uma ilha é sempre sinônimo de um lugar paradisíaco ou de um *locus amoenus*. De fato, Ferrara (1822, p. 19), ao escrever um guia para viajantes do século XIX, indicava que “[...] *la dolcezza del clima, il bel cielo, il raggio vivace della luce, la fecondità del terreno hanno reso in ogni tempo la Sicilia uno dei uno dei più interessante paesi della Terra.*”¹⁹

Já para o ilhéu, ela não é necessariamente esse espaço paradisíaco à margem das normas vigentes, tampouco uma projeção fictícia de outro mundo, mas o lugar de ancoragem frágil e instável, o lugar de sua vida diária. A precariedade dos espaços e da vida insular é também de ordem política, econômica e cultural; nela a vida frequentemente é difícil, num território geograficamente limitado, com recursos naturais também limitados, muitas vezes esquecido, dependente de decisões e políticas definidas no continente, como historicamente é o caso da Sicília. As representações sociais de seus habitantes são marcadas pela instabilidade, precariedade e dependência. Como afirma Racault et al. (1995, p. 69), elas alimentam, por reação, o imaginário invertido que tende a fazer da ilha um centro e uma origem. Transformar imaginariamente o espaço periférico da ilha num lugar central, investi-lo de sua própria história é, muitas vezes, a utopia dos próprios ilhéus.

Tanto para Bufalino como para Sciascia, a Sicília se apresenta como uma terra misteriosa, na qual luz e luto, alegria e fatalismo, Eros e Thanatos parecem compenetrar-se mutuamente, assumindo um caráter cósmico e universal. Bufalino (1988, p. 73) fala da ideia de uma ilha duplamente prenha de vida e de morte:

*È come se, navigando fra Scilla e Cariddi, sul solco della nave due sirene affiorassero e vi tentassero con due lusinghe contrarie: una celeste, che parla di gelsomini d'Arabia, letizia di luna, spiagge simili a guance dorate; l'altra scura, infera, con mezzogiorni ciechi a picco sulle terrazze e sangue che s'asciuga adagio ai piedi di un vecchio ulivo.*²⁰

¹⁹ “A doçura do clima, o belo céu, o raio intenso da luz, a fecundidade da terra tornaram a Sicília – em todas as épocas – um dos países mais interessantes da Terra.” (FERRARA, 1822, p. 19, tradução nossa).

²⁰ “É como se, ao navegar entre Cila e Caribdis, aparecessem duas sereias no sulco do navio, e que tentassem com duas lisonjas opostos: uma celeste, que fala de jasmims das Arábias, regozijo de Lua, praias similares a faces douradas; a outra escura, infernal, com meios-dias cegos a pique nos terraços e sangue secando vagarosamente aos pés de uma velha oliveira.” (BUFALINO, 1988, p. 73, tradução nossa).

Já Sciascia (1979, p. 16) descreve, num primeiro momento, o mesmo contraste evidenciado por Bufalino, ao escrever que “[...] *da un lato, un paesaggio nudo e desertico, il regno delle zolfare, dall’altro vigne, ulivi, mandorleti, disordinati e belli.*”²¹. Por outro lado, aponta o estado de isolamento e de perene decadência no qual a ilha se encontra, com evidentes ecos *gattopardistas* em seu discurso. Poderíamos falar, inclusive, de um intertexto entre as palavras de Sciascia e aquelas de Lampedusa:

*Io non ho affatto l’impressione che la Sicilia abbia mai conosciuto una qualsiasi età dell’oro seguita da una decadenza. Qui da noi, la decadenza non è uno stato congiunturale, bensì permanente. È sempre esistita. Tutti quelli che sono sbarcati sull’isola hanno rapinato tutto quel che potevano: hanno cominciato i romani disboscando a man salva, poi la cosa è continuata con gli spagnoli, con i piemontesi. [...] Tuttavia, ironia della sorte, quest’isola mille volte invasa è stata tagliata fuori dalla storia dei grandi popoli e della grande cultura.*²² (SCIASCIA, 1979, p. 48).

Essas características – para além da tônica de isolamento e insularidade que distinguem os discursos do Príncipe de Salina – podem ser notadas no romance de Lampedusa (2011), especialmente no antológico diálogo do Príncipe Don Fabrizio com o piemontês Chevalley de Monterzuolo. O Príncipe está consciente da sua condição de ilhéu e do declínio da classe aristocrática siciliana pós-unitária, da decadência do sistema feudal, antigo, do qual era representante, enquanto o piemontês tenta convencê-lo a integrar o novo parlamento continental. Para o piemontês, a Sicília era realmente aquele lugar exótico, e o próprio Príncipe e seus filhos tentam passar-lhe essa ideia assim que Chevalley desembarcara na ilha. Mas Salina não acredita em mudanças:

Sono almeno venticinque secoli che portiamo sulle spalle il peso di magnifiche ed eterogenee civiltà, tutte venute da fuori, nessuna fatta da noi germogliata da noi stessi [...] Siamo molto stanchi, svuotati lo stesso. [...] Il sonno... un lungo sonno: questo è ciò che i Siciliani vogliono, ed essi odieranno sempre chi li vorrà svegliare, sia pure per portar loro i più bei regali. [...] Tutte le manifestazioni

²¹ “De um lado, uma paisagem despojada e deserta, o reino das minas de enxofre; do outro vinhedos, oliveiras, pequenas amendoeiras, desordenadas e belas.” (SCIASCIA, 1979, p. 16, tradução nossa).

²² “Não tenho mesmo a impressão de que a Sicília tenha alguma vez conhecido alguma época de ouro seguida por uma decadência. Aqui na Sicília a decadência não é um estado conjuntural, mas permanente. Sempre houve. Todos os que desembarcaram na ilha assaltaram tudo que podiam: começaram os romanos, desmatando desenfreadamente, depois a coisa prosseguiu com os espanhóis, com os piemonteses. [...] Todavia, ironia da sorte, esta ilha mil vezes invadida ficou isolada da história dos grandes povos e da grande cultura.” (SCIASCIA, 1979, p. 48, tradução nossa).

*siciliane sono oniriche, anche le più violente: la nostra sensualità è desiderio di oblio, le schioppettate e le coltellate nostre, desiderio di morte; desiderio di immobilità voluttuosa, cioè ancora di morte, la nostra pigrizia, i nostri sorbetti di scorsonera o di cannella.*²³ (LAMPEDUSA, 2011, p. 178-179).

Aqui Don Fabrizio parece encarnar com resignação aquela herança grega ligada à Moira, sempre associada à negatividade, assim elaborada por De Benedetti (1976, p. 286): “[...] *nella misura in cui il siciliano porta in sé un’eredità greca, possiamo supporre che sia rimasto in lui questo sentimento negativo del destino: come catastrofe ineluttabile e, infine, annullamento.*”²⁴

BONA, F. D.; BARNI, R. On the search for a Sicilian *ethos*. **Itinerários**, Araraquara, n. 43, p. 155-176, jul./dez. 2016.

- **ABSTRACT:** *Using Mainguenu’s concept of ethos, this article aims to outline, by analyzing the literary discourse of some Sicilian writers, which was accepted, repeated and passed on by the own inhabitants of the island, the various ethé linked to the Mediterranean island. This starts at the point in which the clarity that a typical ‘identity’ and ‘character’ is nothing more than a speech or, rather, speeches, in which such characteristics, according to the period and author, came to have different names.*
- **KEYWORDS:** *Literary discourse and identity. Sicilian identity. Sicilianismo. Sicilitudine. Sicilianitudine.*

REFERÊNCIAS

AMARI, M. **La guerra del vespro siciliano**. Parigi: Baudry, 1843.

AVOLIO, C. **Introduzione allo studio del dialetto siciliano**. Noto: Fratelli Zammit, 1882.

²³ “Há pelo menos vinte e cinco séculos que carregamos nos ombros o peso de civilizações magníficas e heterogêneas, todas vindas de fora, nenhuma que tenha brotado por aqui [...] Estamos muito cansados, esgotados do mesmo modo [...] O sono... um longo sono: é o que os sicilianos querem, e eles sempre odiarão quem quiser despertá-los, mesmo que seja para lhes entregar os mais belos presentes. [...] Qualquer manifestação siciliana, é onírica, mesmo a mais violenta: nossa sensualidade é desejo de olvido, nossos tiros e nossas fachadas, desejo de voluptuosa imobilidade, portanto ainda de morte, a nossa preguiça, os nossos sorvetes de jasmim ou canela.” (LAMPEDUSA, 2011, p. 178-179, tradução nossa).

²⁴ “[...] na medida em que o siciliano carrega em si uma herança grega, podemos supor que tenha ficado nele esse sentimento negativo do destino: como catástrofe indelével e, enfim, como anulação.” (DE BENEDETTI, 1976, p. 286, tradução nossa).

- BORGESE, G. A. **Una Sicilia senza aranci**. Cava de' Tirreni: Avagliano, 2005.
- BRAUDEL, F. **Civiltà e imperi del Mediterraneo nell'età di Filippo II**. Traduzione di Carlo Pischeffa. Torino: Einaudi, 2010. v. 1.
- BUFALINO, G. **La luce e il lutto**. Palermo: Sellerio, 1988.
- _____. **La luce e il lutto**. 2. ed. Palermo: Sellerio, 1998.
- BUFALINO, G.; ZAGO, N. **Cento Sicilie**: testimonianze per un ritratto. Firenze: La Nuova Italia, 1993.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- CORRENTI, S. **La memoria della "sicilianità"**. Disponível em: <<http://archive.is/20130913090228/www.entasis.it/Magazine/MagazineC.htm>>. Acesso em: 01 ago. 2015.
- DE BENEDETTI, G. **Verga e il naturalismo**. Milano: Garzanti, 1976.
- DE MAURO, T. **Grande dizionario Italiano dell'uso**. Torino: UTET, 1999. v. 6.
- DE SANCTIS, F. **Storia della letteratura italiana**. Napoli: Tipografia Morano, 1870. v. 1.
- DI BELLA, V. Il bicchiere è mezzo pieno o mezzo vuoto? **Lumie di Sicilia**, Firenze, n. 55, p. 4-5, ott. 2005.
- DIEGUES, A. C. **Ilhas e mares**: simbolismo e imaginário. São Paulo: Hucitec, 1998.
- FERRARA, F. **Guida dei viaggiatori agli oggetti interessanti a vedersi in Sicilia**. Palermo: Tipografia Francesco Abate, 1822.
- FRANCHETTI, L.; SONNINO, S. **La Sicilia nel 1876**. 2. ed. Firenze: Valecchi, 1925.
- FRÉTIGNÉ, J.-Y. Du sicilianisme à l'histoire de la Sicile. **Mélanges de l'École Française de Rome: Italie et Méditerranée**, Roma, v. 110, n. 2, p. 853-875, 1998.
- FULCI, I. **Lezioni filologiche sulla lingua siciliana**. Catania: Reale Ospizio di Beneficenza, 1855.
- GENTILE, G. **Il tramonto della cultura siciliana**. 2. ed. Firenze: Sansoni, 1963.
- GUASTELLA, S. A. **Vestru**: scene del popolo siciliano con illustrazioni in dialetto. Palermo: Piccitto & Antoci, 1882.

LAMPEDUSA, G. T. Il Gattopardo. In: _____. **Opere**. 7. ed. Milano: Mondadori, 2011. p. 5-268.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

_____. A noção de ethos discursivo. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

_____. **Discurso literário**. Tradução Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MALATESTA, S. **Il cane che andava al mare ed altri eccentrici siciliani**. Milano: Neri Pozza, 2000.

MARINO, G. C. **L'ideologia sicilianista**: dall'età dei lumi al Risorgimento. Palermo: Flaccovio, 1988.

MERLO, F. La sicilitudine e l'imbroglio dell'identità / SIAMO TUTTI MELANZANE CONFUSE. **Francesco Merlo**, Sicilia, 31 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.francesco.comerlo.it/2012/12/31/la-sicilitudine-e-limbroglio-dellidentita-siamo-tutti-melanzane-confuse/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

ONOFRI, M. **Il sospetto della realtà**: saggi e paesaggi italiani novecenteschi. Roma: Avagliano, 2004.

PITRÈ, G. **Biblioteca delle tradizioni popolari siciliane**. Catania: Giuseppe Pedone Lauriel, 1872.

RACAULT, J.-M. et al. **L'Insularité**: thématique et représentations. Paris: Harmattan, 1995.

SALOMONE-MARINO, S. **Canti popolari siciliani**. Palermo: Francesco Giliberti, 1870.

SCIASCIA, L. **La Sicilia come metafora**. Milano: Mondadori, 1979.

_____. **Delle cose di Sicilia**. Palermo: Sellerio Editore, 1986

_____. Come si può essere siciliani? In: SCIASCIA, L. **Fatti diversi di storia letteraria e civile**. Palermo: Sellerio, 1989.

_____. Gli zii di Sicilia. In: _____. **Tutte le Opere**. Milano: Bompiani, 2004. v. 1.

_____. **La corda pazza**: scrittori e cose della Sicilia. 2. ed. Milano: Adelphi, 2007.

TRAINA, A. **Nuovo vocabolario siciliano-italiano**. Palermo: Giuseppe Pedone Lauriel, 1868.

ZINNA, L. La dimensione insulare e il connotato del “restare/partire”. In: SCHEMBARI, E. (Org.). **Atti sul Convegno di studi su la poesia del secondo novecento siciliano**. Ragusa: Libroitaliano, 1998. p. 137-139.

Recebido em 16/10/2016

Aceito para publicação em 13/04/2017

